

Literatura e resistência: uma análise discursiva do poema Ansia de Azul de Gilka Machado

Literature and resistance: a discursive analysis of Gilka Machado's poem Ansia de Azul
 Literatura y resistencia: un análisis discursivo del poema Ansia de Azul, de Gilka Machado

Brenda Santos Faustino¹; Michelle Aparecida Pereira Lopes²

Resumo: Neste texto, buscamos analisar discursivamente o poema Ansia de azul, escrito por Gilka Machado, para evidenciar o espaço de resistência aberto por ela, através de sua obra poética, de forma que essa resistência possa ser a hipótese para o apagamento de seu nome do cânone literário. Na sociedade patriarcal e opressora do início do século XX, a posição social das mulheres estava pré-determinada: filha obediente, esposa dedicada ao lar e ao cuidado com os filhos, mulher pudica a quem o desejo era negado. Contudo, naquele momento começam a emergir os ditos do discurso feminista, de teor reivindicatório, cujos sentidos emergem também na poesia de Gilka. O arcabouço teórico escolhido é a Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas contribuições foucaultianas.

Palavras-chave: Discurso. Gilka Machado. Resistência.

Abstract: In this text, we seek to discursively analyze the poem Ansia de Azul, written by Gilka Machado, to highlight the space of resistance opened by her, through her poetic work, so that this resistance may be the hypothesis for the erasure of her name of the literary canon. In the patriarchal and oppressive society of the early twentieth century, the social position of women was predetermined: obedient daughter, wife devoted to home and childcare, prudish woman who was denied desire. However, at that moment the sayings of the feminist discourse of reclaiming content begin to emerge, whose meanings also emerge in Gilka's poetry. The theoretical framework chosen is the French Discourse Analysis, with emphasis on Foucaultian contributions.

Keywords: Speech. Gilka Machado. Resistance.

Resumen: En este texto, buscamos analizar discursivamente el poema Ansia de Azul, escrito por Gilka Machado, para resaltar el espacio de resistencia abierto por ella, a través de su trabajo poético, para que esta resistencia sea la hipótesis de la eliminación de su nombre del canon literario. En la sociedad patriarcal y opresiva de principios del siglo XX, la posición social de la mujer estaba predeterminada: hija obediente, esposa dedicada al hogar y cuidado de los hijos, mujer mojigata a la que se le negaba el deseo. Sin embargo, en ese momento comienzan a surgir los dichos del discurso feminista de reclamar contenido, cuyos significados también emergen en la poesía de Gilka. El marco teórico elegido es el Análisis del discurso francés, con énfasis en las contribuciones de Foucault.

Palabras clave: Discurso. Gilka Machado. Resistencia.

INTRODUÇÃO

A poesia geralmente está relacionada à expressão de sentimentos, sendo esses, de qualquer natureza, mas, além disso, poesia também é discurso. Desse modo, podemos compreender que o eu lírico seja o sujeito do discurso que, ao enunciar seus versos, revela o contexto ideológico no qual está submerso. Considerando-se a obra da poetisa Gilka Machado, o sujeito que enuncia em suas poesias revela traços ativistas, na medida em que seus versos carregam um forte apelo reivindicatório dos direitos femininos. Seus enunciados falam das insatisfações de uma mulher que deseja a liberdade.

No início do século XX, a sociedade brasileira estava sob o domínio da Igreja, família e Estado, sendo estes os três poderes que ditavam a moral e submetiam as mulheres ao sistema patriarcal reinante. Gilka contrariou tais imposições, pois através de seu discurso exigia direitos e mostrava insubmissão ao sistema opressor que pretendia

controlar e oprimir as mulheres, excluindo-lhes até mesmo o poder de fala. Gilka usa sua obra poética como um espaço de resistência. Seu discurso é ativista.

Essa perspectiva guiou-nos na escrita deste texto que tem como objetivo analisar discursivamente os versos do poema Ansia de azul, evidenciando o caráter ativista presente neles. Nossa análise pertence a um estudo maior – mais especificamente uma pesquisa de Iniciação Científica, que foi desenvolvida durante os anos letivos de 2017 e 2018, no Curso de Letras, da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Passos – em que problematizamos o discurso de tom feminista na obra de Gilka Machado como uma hipótese para seu apagamento do cânone literário.

Sendo seus enunciados produtores do sentido de que as mulheres não deveriam calar-se, contrariando, assim, toda a estrutura patriarcal, a moral e os bons costumes, sua voz precisava ser silenciada. Isso nos faz conceber

¹Graduada do curso de Letras-Português pela Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade de Passos).

²Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade de Passos). E-mail: michelle.lopes@uemg.br

que a poesia de Gilka, naquele início do século XX, assume as primeiras manifestações do discurso feminista.

Nossas análises amparam-se na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, mais pontualmente, nas contribuições de Michel Foucault (2012, 2011). Manipulamos também as informações de autores que versam sobre o discurso feminista, como Alves e Pitanguy (1981), Del Priore (1997; 2013) além de obras que analisam a produção literária de Gilka Machado, como Branco (2004).

DISCURSO E RESISTÊNCIA

A Análise do Discurso, daqui em diante chamada de AD, surgiu em solo francês, nos anos de 1960. Em um cenário sociopolítico revolucionário, os questionamentos voltavam-se, sobretudo, para o papel das Ciências Humanas, atingindo também a linguagem, de modo que Michel Pêcheux interessa-se por entender o funcionamento social do discurso e passa a buscar métodos que pudessem analisá-lo.

(...) podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. (FERNANDES, 2008, p. 13).

Interpretando a citação acima, compreendemos que o discurso mescla a materialidade da língua e a conjuntura social na qual foi produzido. Observar o discurso é considerar não somente as palavras que o compõem, mas também todas as relações sociais, políticas e ideológicas que se desenvolviam no momento de sua produção. Observar o discurso é, ainda, analisar os efeitos desses ditos na sociedade em que ele é proferido e na qual circula, pois, o sentido dos ditos “não existe ‘em si mesmo’, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo socio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX, 1997b, p. 190).

Nessa perspectiva, podemos considerar a obra poética de Gilka Machado como uma composição originária de um mesmo sistema de formação. No cenário dos anos iniciais do século XX, a sociedade brasileira organizava-se em uma estrutura patriarcal, na qual às mulheres destinavam-se os papéis de filha obediente e depois esposa dedicada ao lar e à família; os preceitos religiosos norteavam os modos, especialmente os femininos, ditando as condutas esperadas e os comportamentos aceitáveis. Tudo isso, colaborava com o que podemos considerar uma supremacia masculina, em detrimento da posição social das mulheres, fator preponderante para se analisar a obra de Gilka, como faremos mais adiante.

Voltando-nos aos estudos que originaram a teoria da AD, devemos dizer ainda que o discurso também foi o alvo das problematizações do filósofo Michel Foucault, nos mesmos anos 1960, de forma que seus estudos acabaram promovendo interfaces com os de Pêcheux. Dentre as perguntas mais significativas lançadas pelo filósofo, está “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 1995, p.31). Esse questionamento é bastante profícuo para a AD, já que,

Faz com que busquemos compreender a produção dos discursos como elemento integrante da História. (...) veremos as condições de produção do discurso, ou seja, compreenderemos, a partir de um olhar para a história, os aspectos históricos e socioideológicos que envolvem a produção do discurso. (FERNANDES, 2008, p. 18).

Para Foucault (1996), a história permite a constituição de um poder que sustenta a emergência dos discursos.

Uma cumplicidade primeira com o mundo fundaria para nós a possibilidade de falar deles, nele; de designá-lo e nomeá-lo, de julgá-lo e de conhecê-lo, finalmente, sob a forma da verdade, é o discurso ele próprio que se situa no centro da especulação, mas este logo na verdade, não é se não um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas ou os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si (FOUCAULT, 1996, pág. 48-49).

Com Foucault, podemos conceber o discurso como é aquilo pelo que os sujeitos lutam. O poder-dizer, o poder-falar criado pelo poder e sustentado por ele. Nesse luta constante pela manutenção do poder-dizer, os enunciados podem aparecer de dois modos: como correspondentes ao que o poder demanda, ou contradizendo-o. As tentativas de contradizer o dito pelo poder dominante caracterizam a resistência.

Eu quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, reclamam a cada instante, abrem a possibilidade de resistência e resistência real, o poder daquele que domina trata de manter-se com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior a resistência. Deste modo, é mais a luta perpétua e multiforme o que eu trato de fazer aparecer do que a dominação obscura e estável de um aparato uniformizante. (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p. 387).

Por meio do exposto até agora, já podemos tecer as seguintes considerações: ao observar quais condições possibilitaram a criação do discurso na obra poética de Gilka Machado, podemos vislumbrá-lo como o reflexo das condições de produção daquele início do século XX, fortemente marcado por uma grande oposição: o discurso preeminente era o masculino e o de Gilka

representava a resistência, justamente porque corresponde a uma abertura de espaço criada para combater o poder, no caso, a luta contra o patriarcado.

UMA MATRONA IMORAL, OU UMA MULHER RESISTENTE?

Gilka da Costa Melo Machado nasceu em 1893, na cidade do Rio de Janeiro e faleceu na mesma, em 1980. Cresceu no seio de uma família de artistas e escritores, tendo demonstrado, desde muito cedo, talento para a escrita. Aos 14 anos, Gilka venceu seu primeiro concurso de poesia promovido pelo jornal *A Imprensa*. Nesse mesmo concurso, Gilka, também venceu os segundo e terceiro lugares, pois se inscreveu usando pseudônimos.

Com apenas 17 anos, Gilka integrou as iniciativas para fundar o Partido Republicano Feminino, que lutava pelo direito das mulheres ao voto. Na mesma idade, a poetisa casou-se com o poeta Rodolfo de Melo Machado. Dessa união, nasceram dois filhos: Hélio e Heros. Rodolfo faleceu precocemente e Gilka tornou-se viúva, pobre, com dois filhos para criar. Por necessidade financeira, Gilka decidiu-se por trabalhar como diárista na Central do Brasil.

Em 1933, a revista *O Malho* promoveu um grande concurso de poesias, do qual participaram Cecília Meireles e Pagu. A vitória nesse concurso rendeu à Gilka o título de “a maior poetisa do Brasil”, além de elogios do escritor Mário de Andrade.

Os versos de Gilka, apesar de terem sua poética reconhecida, promoveram muita polêmica, justamente porque apresentavam um eu lírico feminino que não correspondia à moral constituída para a posição da mulher daquela época. Logo, Gilka foi apelidada de matrona imoral. Seus versos abalavam o dito de que uma mulher de família, viúva, não deveria sentir desejo físico, mas somente dedicar-se à criação dos filhos.

Tudo isso fez Gilka desgostar-se da poesia durante algum tempo ou, pelo menos, tornou sua produção poética mais espaçada. Adepta ao Simbolismo publicou em vida: *Cristais Partidos* (1915), *Estado de Alma* (1917), *Mulher Nua* (1922), *Meu Glorioso Pecado* (1928), *SUBLIMAÇÃO* (1938) e *Velha Poesia* (1965).

Aos 86 anos, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras e no ano seguinte, faleceu.

Por tudo isso, podemos considerar que Gilka Machado seja uma importante poetisa brasileira, de modo que sua obra deveria compor os principais compêndios literários, além de estar presente também em livros e materiais didáticos de Literatura Brasileira. No entanto, isso não acontece. Durante muito tempo¹, Gilka foi apagada do cânone literário.

A biografia de Gilka permite-nos constituir o sujeito discursivo de sua obra poética: uma mulher do início do século XX que, por estar inserida em uma estrutura moralista e patriarcal, dela não se esperava outra coisa além de ser uma mãe dedicada, dela não se esperava sentir e/ou expressar desejo; ativista política a favor dos direitos das mulheres inserida em uma sociedade comandada pelos homens. Desse modo, seu discurso não contava com condições de produção muito favoráveis ao que pretendia dizer, nem ao que almejava.

Podemos considerar que o discurso de Gilka é resistência ao poder dominante. Por isso mesmo, seu apagamento do cânone, ou o parvo reconhecimento do valor poético de sua obra, corresponde a uma tentativa de silenciamento, diríamos que muito mais de sua voz política, que de sua voz erótica. Diríamos ainda que, o silenciamento de sua voz erótica é usado estratégicamente para silenciar sua voz política, ou seja, desmerecer a perante à sociedade – por exemplo chamando-a de matrona imoral – corresponde à desmerecer a luta pelos direitos femininos.

RESISTÊNCIA EM ÂNSIA DE AZUL

Neste trecho, apresentamos a análise discursiva dos versos do poema *Ânsia de azul*. Esse poema compõe as publicações da obra *Cristais Partidos*, lançada em 1915. O poema é composto por 111 versos, organizados em estrofes irregulares. Os versos não possuem métrica exata, aparecendo versos com quantidade diversa de sílabas poéticas.

Os versos são representantes da estética simbolista, da qual a poetisa era adepta, apresentando as características desse estilo, como as sinestesias e o uso de pontuação expressiva. Além disso, o poema possui muitos recursos sonoros, apresentando ao longo dos versos uma sonoridade, construída por meio de muitas aliterações e assonâncias.

Por se tratar de um poema² extenso, optamos por reproduzir aqui apenas os trechos que trazem os versos que analisamos. A seguir, apresentamos trechos do poema.

(...)

Manhãs azuis, manhãs em que as aves, em bando, entoam pelo espaço o hino da liberdade,

que anseio formidando,

que sede de infinito o cérebro me invade!

(...)

tudo à liberação, tudo ao prazer convida
e faz com que a criatura ame um momento a vida.

(...)

Eu, como as coisas, sinto indefinidas ânsias,
a atração do ignorado,

¹Na contemporaneidade, o nome e a obra de Gilka Machado têm voltado à cena. A estudante de Jornalismo Jamyle Hassan Rkain publicou, pela Editora Demônio Negro, uma antologia poética da obra da poetisa. Há também estudos sobre a obra da poetisa em universidades brasileiras.

²O poema completo pode ser lido *online*, em diversos endereços, dentre os quais indicamos <<http://expressaomulher-em.blogspot.com/2012/09/gilka-machado-brasil.html>>. Acesso em 28 de jun. de 2018.

a atração das distâncias,
a atração desse azul,
ao qual meu pobre ser quisera transportado
ver-se, da Terra êxul.

E que gozo sentir-me em plena liberdade,
longe do jugo atroz dos homens e da ronda
da velha Sociedade
– a messalina hedionda
que, da vida no eterno carnaval,
se exibe vestida de vestal!
(...)

Ó mágicas manhãs,
vós me trazeis ao cérebro ânsias vãs!
o fulgor que de vós se precipita
perturba minha vida de eremita,
açora-me os sentidos
na arcose do tédio amortecido.
ao ver a natureza, toda em festa,
do seu pagode abrir as portas, par em par,
o meu ser manifesta
desejos de cantar, de vibrar, de gozar!...

Esta alma que carrego amarrada, tolhida,
num corpo exausto e abjeto,
há tanto acostumado a pertencer à vida
como um traste qualquer, como um simples objeto,
sem gozo, sem conforto,
e indiferente como um corpo morto;
esta alma, acostumada a caminhar de rastros,
quando fito estes céus, estes campos tão vastos,
aos meus olhos ascende e deslumbrada avança,
tentando abandonar os meus membros já gastos,
a saltar, a saltar, qual uma alma de criança.
E analisando estão meus movimentos
indecisos e lentos,
de humanizada lesma,
toma-me a sensação de fugir de mim mesma,
de meu ser tornar noutro,
e sair, a correr, qual desenfreado potro,
por estes campos escantos.

De que vale viver
trazendo, assim, emparedado o ser?
Pensar e, de contínuo, agrilhoar as idéias,
dos preconceitos sociais nas torpes ferropéias;
ter ímpetos de voar,
porém permanecer no ergástulo do lar
sem a liberdade que o organismo requer;
ficar na inércia atroz que o ideal tolhe e quebranta...
.....
Ai! Antes pedra ser, inseto, verme ou planta,
do que existir trazendo a forma de mulher.

Aves!
quem me dera ter asas,

para acima pairar das coisas rasas,
das podridões terrenas,
e sair, como vós, ruflando no ar as penas,
e saciar-me de espaço, e saciar-me de luz
nestas manhãs tão suaves,
nestas manhãs azuis, liricamente azuis...

O título do poema *Ânsia azul*, compõe-se de um sintagma nominal no qual o adjetivo “ânsia” é caracterizado pelo adjetivo “azul”. O sujeito, assim, insere-se no lugar do desejo, pois o substantivo usado é representativo da ação de ansiar. A caracterização promovida pelo azul é metonímica, tanto pode nos remeter ao céu, já que ao longo no poema mencionam-se aves, quanto pode nos remeter à ideia de liberdade, já que as aves que voam pelo azul são livres. Tanta é possível compreendermos uma relação simbólica com o universo masculino, já que, em diversas culturas, como na nossa, a cor azul costuma representá-la. Nessa perspectiva, esse sujeito feminino ânsia pelo masculino; o “não dito” mostrava a ambição de viver livre igual aos homens.

No verso “tudo à libertação, tudo ao prazer convida”, que não está longe do título, evidencia a ideia defendida nele e que se manterá de forma geral no poema: a ânsia pela liberdade e pelo prazer. Podemos notar que o sujeito escolhe metáforas da natureza, por exemplo, “manhãs”, de forma que nos permite considerar que a natureza é o lugar em que o sujeito se vê livre, estabelecendo a oposição imediata da natureza com a sociedade, que dita normas e condutas, ao mesmo tempo em que emite julgamentos, pratica opressões e, por isso, aprisiona.

Esse sentido se completa no verso “E que gozo sentir-me em plena liberdade”. Esse enunciado expressa a grande satisfação do sujeito ao se sentir livre; já que a “liberdade” é almejada, mas o sujeito não a possui, pois está submetido aos preceitos morais, vigentes naquele momento.

O desejo da liberdade do sujeito em oposição à realidade da submissão e da obediência também se confirma ainda mais verso “longe do jugo atroz dos homens e da ronda da velha Sociedade”. Desse enunciado, é importante destacar os sentidos produzidos pelo sintagma “velha Sociedade”. O adjetivo “velha” pode-se referir ao conservadorismo e à força das opressões historicamente legitimados pela “Sociedade”. A opção pela letra inicial maiúscula é uma característica simbolista, usada para promover o caráter simbólico daquela palavra. Nesse sentido, ao escrever “Sociedade”, essa palavra não só é representativa de uma organização social, mas também de toda a imposição que essa organização social impunha. Ainda, apenas os substantivos próprios são grafados com a inicial maiúscula, já que nomeiam pessoas, por exemplo, e pessoas merecem ser respeitadas. Sendo assim, “Sociedade” deixa de ser um nome comum, ganha ares de substantivo próprio, colaborando na construção do sentido de que a “Sociedade” deveria ser respeitada por todos.

No verso, “a messalina hedionda que, da vida no eterno carnaval, se exibe fantasiada de vestal!” podemos considerar o paradoxo do perfil feminino, moralista e puritano, criado no sistema patriarcal: o das puras e impuras, sendo as primeiras, aquelas que acatavam as ordens sociais como recato, preservação da honra e obediência ao pai e depois ao marido, as segundas seriam as insubmissas a tal sistema. Ao dizer “messalina”, o sujeito pode estar reforçando a ideia de que é/está fora dos padrões destinados às mulheres, ou seja, que é considerada uma imoral e libertina, mas que se esconde atrás de uma máscara de mulher casta. O sujeito adota, como “messalina”, uma postura subversiva que por meio da palavra, torna-se um conturbador da ordem social.

Em “Esta alma que carrego amarrada, tolhida, Num corpo exausto e abjeto” novamente o sujeito fala de estar preso, privado da liberdade, por ser mulher. Os adjetivos “amarrada” e “tolhida” evidenciam o aprisionamento, do qual o sujeito também está cansado, ou “exausto”, por ser obrigado a cumprir o papel que esperam dele, quando na verdade, tudo que o sujeito deseja é ser livre.

A seguir, o sujeito enuncia “Há tanto acostumado a pertencer à vida como um traste qualquer, como um simples abjeto, sem gozo sem conforto, e indiferente como um corpo morto” de forma que podemos conceber esse “corpo morto” como mais uma referência à situação feminina na época: nascer mulher já destinava o sujeito a ser prisioneiro. O “corpo morto” do poema pode ser considerado uma metonímia de mulher, bem como uma metáfora das privações às quais a mulher se submetia e às quais se acostumava.

Os dois versos que vêm antes da estrofe final do poema só fazem reforçar a insatisfação do sujeito em ser mulher. Ao dizer “Ai! Antes pedra ser, inseto, verme ou planta, do que existir trazendo a forma de mulher”, o sujeito demonstra lamento, expresso na interjeição “Ai!”, ao compreender que a posição social da mulher era tão inferior em relação ao homem, que melhor seria ter nascido “pedra”, talvez porque pedra é resistente e não sente nada; “inseto”, pois alguns deles também podem voar como os pássaros; “verme”, já que têm vida curta, ou mesmo “planta”, pois essas também vivem ao ar livre. Desse modo constrói a ideia de que ser qualquer outra coisa seria melhor que ser mulher.

Nos dois primeiros versos da última estrofe, a ideia inicial do poema é retomada nos dizeres: “Aves! quem me dera ter asas, para acima pairar das coisas rasas, das podridões terrenas.” Esse enunciado constrói-se como uma conclusão, além de fechar um ciclo de sentido no poema: o sujeito inicia falando de seu desejo de liberdade, justifica essa “ânsia” explicitando a posição social inferior das mulheres e retoma o desejo da liberdade, ao mencionar novamente as “aves”. As “Aves!” são, nos versos, a metáfora da liberdade. A “ânsia” do sujeito é

estar distante de todos os preceitos sociais, assim como as aves voam alto. A ânsia do sujeito é “azul” porque, segundo a argumentação construída pelo sujeito, nos versos que analisados, os homens estão livres de todos os preceitos, enquanto as mulheres são prisioneiras.

A “ânsia azul” é a ânsia pela posição social do homem, de forma que podemos compreender a palavra liberdade também como direitos. A ânsia azul do sujeito é muito mais pelos direitos, visto ser a liberdade, um deles. Nesse sentido, podemos dizer que o sujeito discursivo construído por Gilka Machado, é o de uma mulher do início do século XX que não desejava acatar a submissão que lhe era imposta socialmente. Por isso mesmo, no poema analisado, podemos perceber a insatisfação e o desejo de liberdade. Gilka não era uma “matrona imoral”, como insistiam em chamá-la, mas sim uma mulher que conseguiu reconhecer no cenário de sua época a estrutura moralista de uma sociedade misógina. Desse modo, Gilka é o sujeito que requer voz e se constitui por meio de seu discurso, mesmo quando as condições de produção do mesmo lhe são adversas. Gilka é resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o poema *Ânsia azul*, na perspectiva teórica da AD, observamos a presença de enunciados correspondentes aos do discurso feminista, à medida que o sujeito se posiciona como um denunciador da diferença dos direitos, dentre os quais a liberdade, entre homens e mulheres, na sociedade brasileira do início do século XX.

Esse sujeito denuncia as diferenças, ao mesmo tempo em que requer seus direitos, de forma que se tornou uma ameaça ao poder vigente. Ao revelar o fardo das pressões sociais ela abre um espaço de resistência que contraria ao que lhe era imposto, e assim, através de sua lírica atua como militante e os militantes constantemente tendem a ser silenciados.

Dessa forma, neste texto, deixamos mais uma problematização sobre a obra de Gilka Machado: o fato de a poetisa ser tão pouco mencionada, tão pouco estudada, além de não aparecer nos materiais didáticos de literatura, pode sinalizar uma tentativa de silenciamento da voz de um sujeito resistente aos padrões sociais de uma época.

Por isso, mais do que evidenciar a qualidade literária da obra poética de Gilka Machado, as análises deste nosso texto, bem como toda pesquisa a qual elas pertencem, pretendem colaborar para que Gilka possa ser reconhecida como sujeito de seu próprio discurso de resistência a toda uma condição social à qual se submeteram as mulheres de outrora.

REFERÊNCIAS

- BRANCO, L. C. As incuráveis feridas da natureza feminina. In ____; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DEL PRIORE, M. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.
- DEL PRIORE, M (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- FERNANDES, C.A . **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FERNANDES, C.A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Clarialuz, 2008.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- JAMYLE, R. (Org.) **Gilka Machado - Poesia Completa**. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2017.
- REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Clarialuz, 2005.